

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER E DO NEGRO EM *O QUASE FIM DO MUNDO* E *O ALEGRE CANTO DA PERDIZ*

Mariana Aparecida de Carvalho¹

RESUMO: A pesquisadora Inocência Mata ressalta que apenas por vias literárias determinados anseios poderiam ser evidenciados, se tomarmos como exemplo os países africanos de colonização portuguesa. De acordo com a estudiosa, “o autor psicografa os anseios e demônios de sua época, dando voz àqueles que se colocam, ou são colocados, à margem da ‘voz oficial’” (MATA, 2008, p. 20). Desse modo, indagamos: seria possível um homem branco abordar a temática da mulher e do negro em um contexto africano, a partir de uma obra ficcional? A fim de respondermos tal questão, propomos o trabalho em que investigamos a representação da mulher e do negro no romance distópico *O quase fim do mundo*, do angolano Pepetela, a partir de uma leitura comparada com a obra *O alegre canto da perdiz*, da moçambicana Paulina Chiziane. Nos é apresentada, na obra de Pepetela, uma discussão acerca da sociedade africana, mostrando como determinadas escolhas podem influenciar na vida de todos e como, apesar das mudanças e das conquistas alcançadas, determinadas estruturas se repetem, mudando-se apenas os sujeitos sociais que as operam. Salientamos, porém, que Pepetela, ao denunciar determinada situação, não pretende falar pelas figuras que representa literariamente, mas como bem afirma Mata (2008), ao serem representados, os sujeitos falam por si próprios.

PALAVRAS-CHAVE: Pepetela; Chiziane; Representação Ficcional; Mulher; Negro.

ABSTRACT: The researcher Inocência Mata emphasizes that only by literary means certain desires appear in the African countries of Portuguese colonization. According to the scholar, "the author psychographs the yearnings and demons of his time, giving voice to those who are placed outside the 'official voice'" (MATA, 2008, 20). In this way, we ask if it is possible for a white man to approach the subject of women and the black in an African context, from a fictional work. We propose the work in which we investigate the representation of the woman and the black in the dystopian novel “O quase fim do mundo”, by the Angolan writer Pepetela, from a reading compared with the novel “O alegre canto da perdiz”, by Mozambican writer Paulina Chiziane. A discussion of African society is present in this context and it shows how certain choices influence the lives of all and how, despite the changes and achievements achieved, certain structures remain and the social subjects that operate them are not the same. Pepetela denounces a certain situation, but he does not intend to speak for the figures that he represents literarily, but the subjects speak for themselves.

KEYWORDS: Pepetela; Chiziane; Fictional Representation; Woman; Black.

O quase fim do mundo (2008) pode ser lido como um romance distópico, em que há uma projeção pessimista sobre o destino da humanidade, em um futuro próximo, marcado pela quase extinção da raça humana. Através da ficção, o autor angolano Pepetela nos apresenta uma discussão acerca da sociedade africana, mostrando como determinadas escolhas podem influenciar na vida de todos e como, apesar das mudanças e das conquistas alcançadas, determinadas estruturas se repetem, mudando-se apenas os sujeitos sociais que as operam.

¹ Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. maricarva14@hotmail.com

O romance em questão pode ser tomado como uma obra pós-colonial, entendendo o pós-colonialismo não como um marcador temporal, mas como um pensamento teórico que propõe reler e discutir o que foi o período colonial e o que o processo colonialista operou com os povos colonizados, tudo através de um posicionamento crítico.

Franz Fanon, em “Racismo e cultura”, aborda questões referentes à alienação, que pode, por nós, ser entendida tanto como perda da razão e loucura, como postula a psicopatologia, ou como ato de transferir para alguém uma propriedade ou um direito. Com relação ao colonialismo, a alienação equipara-se à assimilação, já que neste processo, através de uma simples assinatura, abandona-se uma origem a se passa a fazer parte de um grupo assimilado ao regime colonial:

tendo julgado, condenado, abandonado as suas formas culturais, a sua linguagem, a sua alimentação, os seus procedimentos sexuais, a sua maneira de sentar-se, de repousar, de rir, de divertir-se, o oprimido, com a energia e tenacidade do naufrago, arremessa-se sobre a cultura imposta. (FANON, 2011, p. 280).

A política da assimilação elevava o “condenado” ao posto de contratado, mas o assimilado não passava de cidadão de segunda classe, sobretudo por haver o desejo de serem mantidas as diferenças. Se o assimilado equipara-se ao colonizador, quais fatores poderiam ser empregados para que este dominasse e subjugasse aquele? São concedidos direitos, mas estes vão, segundo Fanon, até onde o poder imperialista decide e libera. O colonizado nunca alcançaria mais do que o concedido pelo dominador, ou seja, o mínimo.

Com o fim do colonialismo tem-se a independência política reconhecida, porém há a manutenção de certa dependência econômica e, conseqüentemente, de diferenças sociais. Em contrapartida, o “outro” passa a ter maior possibilidade à fala, bem como o poder de denúncia, sobretudo a partir do retorno à história, às tradições e à lucidez:

Descobrimo a inutilidade da sua alienação, a profundidade do seu despojamento, o inferiorizado, depois dessa fase de desculturação, de estranhamento, volta a encontrar as suas posições originais. O inferiorizado retoma apaixonadamente essa cultura abandonada, rejeitada, desprezada. Há nitidamente uma sobrevalorização que se assemelha psicologicamente ao desejo de se fazer perdoar. (FANON, 2008, p. 282).

Os personagens de *O quase fim do mundo* não vivem a política da assimilação, assim como os personagens Delfina e José dos Montes, de *O alegre canto da perdiz* (2008), da moçambicana Paulina Chiziane, que viam na política um meio de manutenção e ascensão

social. Delfina, uma negra linda, que amava os brancos e que queria ser branca, viu na assimilação, inicialmente, um meio de mudar de vida. Posteriormente, os filhos é que passam a ser percebidos como este meio.

Diante das aproximações e distanciamentos que observamos entre *O quase fim do mundo* e *O alegre canto da perdiz*, com relação à representação, ficcional, da mulher e do negro, buscamos apresentar quais são os atores que dão vida às obras e fazem emergir toda uma discussão acerca de temáticas tão caras, em se tratando de literaturas africanas de língua portuguesa.

Sumariamente, os personagens da obra de Pepetela podem ser representados da seguinte maneira: um médico para cuidar do corpo físico; uma religiosa e um feiticeiro para cuidarem do espírito; uma adolescente e uma criança como símbolos do futuro; um pescador; um eletricista com descendência *masai*; duas pesquisadoras – uma norte-americana, aludindo ao neoliberalismo dos Estados Unidos da América, e uma historiadora somali com nome de deusa egípcia; um ladrão comunista; um bôer mercenário e um louco. Doze pessoas com origens diversas e com pensamentos distintos são os sobreviventes de *O quase fim do mundo* e todos se encontram na maior cidade da região, chamada Calpe, uma cidade imaginária, criada por Pepetela e presente, também, em outras obras do autor.

Porém os doze acima citados não são os únicos a resistirem ao quase apocalipse, pois pessoas também sobreviveram nas florestas situadas nos arredores da cidade. Estes também possuem importante papel na nova sociedade que se originará, todavia os papéis que exercerão serão ditados por aqueles que se reuniram na cidade escolhida por Pepetela como berço da nova humanidade no futuro distópico da narrativa. Entendemos distopia como antítese da utopia ou como utopia negativa, desse modo a nova sociedade teria o “poder” centrado nas mãos de um grupo restrito, com traços de totalitarismo, as regras seriam criadas de modo a servirem a esse pequeno grupo e aos seus interesses e a população remanescente viveria sob o pessimismo acerca do porvir.

Um aspecto que nos chama a atenção em *O quase fim do mundo* diz respeito ao modo como determinados personagens, e até mesmo o narrador onisciente, se dirigem aos personagens Janet, a norte-americana, e a Jan, o bôer sul-africano. Muitas vezes, eles são chamados de “aquela branca” e “aquele branco”, o que nos leva a pensar na inversão operada por Pepetela. O pronome demonstrativo “aquele” possui uma carga “negativa” quando

empregado para designar determinada pessoa, com um tom pejorativo. No discurso colonial não seria difícil encontrarmos expressões como “aquele negro ou aquela negra”, mas na obra de Pepetela são os brancos que são designados de tal modo.

Na obra ficcional do angolano, vemos que, diante do quase apocalipse, a união resolveu os problemas imediatos, mas não lograria êxito com o passar do tempo, sobretudo com o surgimento de determinadas necessidades, na esfera individual. O sujeito passaria a pensar subjetivamente e o grupo estaria em segundo plano. Importante observar que, na esfera factual, a união também fora apontada, por determinados estudiosos, como instrumento para solução de algum tipo de conflito. É o que acontece, por exemplo, com Kwame Nkrumah, em “O neocolonialismo em África”, que afirma: “Devemos apoiar-nos uns nos outros, sem reservas, contra as forças imperialistas que preparam a nossa divisão e procuram fazer da África o campo de batalha de interesses em conflito” (NKRUHMAH, 2011, p. 307). O problema que se instaurou foi que, infelizmente, não houve a possibilidade de a proposta de Kwame ser posta em prática, tendo, portanto, se frustrado.

Em *O quase fim do mundo*, os interesses individuais são colocados acima dos interesses da sociedade e surgem, então, os conflitos, cada vez mais latentes. A impossibilidade de os sujeitos pensarem em primeiro lugar no grupo fica evidente na passagem em que aparecem as rugas entre Janet e Jan:

Aquela branca tinha ódio ou pelo menos desprezo em relação ao homem grande. **Afinal não havia solidariedade entre seres da mesma raça? Não, pelos vistos.** Eram engraçados os brancos, sempre à procura de inimigos. Se não os havia, inventavam-nos entre eles. Não só os brancos, ou até eles talvez nem fossem os mais complicados nesse aspecto. [Riek] conhecera muitos povos naquele canto do continente que também só aspiravam a encontrar um inimigo para poderem descarregar as frustrações milenares se acumulando. E rituais era inventados para matar os outros ou os decepar. Se não houvesse outra razão, como a defesa do espaço vital ou o rapto das fêmeas, arranjavam uma religião conveniente para o efeito. Não foi sempre assim, desde o princípio dos tempos? (PEPETELA, 2008, p. 254, grifos nossos).

A partir do trecho acima, em que o narrador utiliza o discurso indireto livre para evidenciar os pensamentos de Riek, é perceptível como a ironia perpassa as discussões acerca de questões raciais abordadas na obra. A pergunta grifada por nós “Afinal não havia solidariedade entre seres da mesma raça?” pode ser considerada uma pergunta retórica, que carrega em si mesma a resposta. Na realidade, como dito anteriormente, os interesses do

grupo apenas se tornam relevantes quando não se sobrepõem aos interesses individuais, os quais podem contribuir para que os pares criem os conflitos entre si, independente da solidariedade que supostamente haveria entre essas pessoas.

Verdadeiro é o trecho de *O alegre canto da perdiz*, quando o narrador afirma que “o colonialismo já não é estrangeiro, tornou-se negro” (CHIZIANE, 2008, p. 332) e se pensarmos nos binarismos eu/outro e branco/negro, que operaram a dominação no período colonial, aconteceram transformações e aquele que antes fora dominado passa a exercer o papel do eu/dominador e o outro também já não é o mesmo.

Em *O quase fim do mundo*, a Frente Nacionalista Europeia e as demais instituições, formadas pelos “brancos puros”, queriam destruir todos os que, segundo “fatores genéticos”, tivessem o DNA “corrompido”, sobretudo em decorrência das miscigenações, algo que gostariam que acabasse e por isso desejavam “limpar” o mundo da presença dos tidos como “impuros” – “lixos árabes, judeus, ciganos e africanos que cada vez mais contaminam as populações brancas” (PEPETELA, 2008, p. 340).

Interessante traçarmos um diálogo com *O alegre canto da perdiz*, sobretudo com relação à ideia de corrupção do DNA e à tentativa de instituição e manutenção de uma única raça, através da teoria do branqueamento. Pela fala de José dos Montes, verificamos que esta era a postura adotada por ele e por Delfina:

Nós, assimilados, ajudamos os poderosos a culparem a Deus porque julgávamos que tinha errado na fórmula da criação. Queríamos um mundo com uma só voz e uma só raça. Por isso decidíamos quem devia morrer e quem devia viver, como se as nossas mãos pudessem ajudar Deus a corrigir esse possível erro. (CHIZIANE, 2008, p. 333).

Chama-nos a atenção o fato de José dos Montes e Delfina terem adotado tal posicionamento, sobretudo por serem negros e ainda assim tomarem os negros como “possível erro”. É como se desejassem e efetivassem a destruição não apenas dos próprios pares, mas deles próprios, conscientes ou não dos resultados que tais atos pudessem ter. Como verificaremos, tal dominação não está presente apenas na obra de Chiziane, mas também na de Pepetela, ainda que operada de diferentes modos, através de importantes inversões entre o “eu” e o “outro”.

Entendendo raça segundo Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), como uma construção discursiva em torno das características físicas como marcas simbólicas, para se “diferenciar”, socialmente, um grupo de outro, acarretando, muitas vezes,

em certa dominação, em *O quase fim do mundo*, Pepetela discute a questão racial em diferentes níveis, em que a questão do binarismo branco/negro não chega a ser tão latente quanto é a das diferenças e disputas étnicas (aludindo aos resquícios do que ocorrera em Ruanda e no Congo). Logo no início do romance, vemos que a região de Calpe, ainda que bela, fora assolada pela rivalidade entre diferentes grupos étnicos, o que seria uma astuciosa invenção dos colonizadores.

Ainda que a personagem Geny tenha se unido à figura Simba a fim de se ajudarem, mutuamente, logo no início do romance, vemos que a religiosa se incomodava com as posturas adotadas pelo médico. Quando ele escolhe determinado carro e afirma a ela que não tinha a alma perdida, Geny diz: “a salvação da sua alma não me interessa para nada, já se perdeu há muito. Mas tem aí atrás uma inocente [Jude] que deve ser educada de outra maneira” (PEPETELA, 2008, p. 36). Interessante observar que Geny conheceu o médico há pouco tempo, o que a impediria de realizar tal afirmação. Além do mais, como uma religiosa preocupada com a salvação dos demais, ela poderia ter buscado a conversão de Simba, assim como procedeu com Jude, mas não o fez com o médico.

Tais indícios são reforçados ao longo do romance e resultam em uma discussão em que os reais motivos das antipatias entre o médico e a religiosa são esclarecidos. Quando Simba apoia a decisão de Jude de tentar pilotar um avião, Geny exclama, ferozmente, contra o médico: “Queres que a moça morra ou fique parálitica? Claro, dá para entender, ela não é do teu grupo. Que te importa se cair lá de cima com a sua estúpida teimosia? Só te preocupa com os do teu grupo” (PEPETELA, 2008, p. 218). Alguns dos sobreviventes não entenderam o que a religiosa quis dizer com a afirmação, então Ísis esclarece tudo. Em Calpe, a sociedade era dividida em dois grupos étnicos, grupos estes que não recebem um nome na narrativa. De acordo com a historiadora, que não conseguiria distinguir os membros de cada um dos grupos por ser de outra região, havia sinais de que Geny, o pescador e Jude eram de um grupo e de que Simba, seu sobrinho e Joseph Kiboro eram do outro.

Aproveitando-se de diferenças sutis entre os membros da população, como altura, corpulência, atividade desempenhada e aspectos intelectuais, ainda que falassem a mesma língua e que se vestissem da mesma maneira, os colonizadores europeus, “que se baseavam nos que conservavam mais poder ou influência, tiveram a **brilhante** ideia de aconselhar uns a

usarem ligeiras escarificações na testa e outros nas faces, assim se reconheceriam” (PEPETELA, 2008, p. 222, grifo nosso).

Os mais fortes dominariam os mais fracos, mas acima dos dois estariam os colonizadores, controlando tudo e a todos. Apenas Geny ainda mantinha uma pequena escarificação na face esquerda, os demais, apesar de não a terem, podiam reconhecer seus pares, com exceção de Jude, muito jovem. Importante retomar a afirmação do narrador, quando diz que a separação em grupos étnicos fora uma criação astuta do colonizador, uma vez que, mesmo após sua partida, as divisões foram ainda mais acentuadas e houve, em maior número, guerras e massacres – as chamadas guerras civis que devastaram o território africano.

A divisão em dois grupos étnicos torna-se óbvia, se observarmos a distribuição dos sobreviventes entre as casas que ocupavam – em uma das casas morava Geny, o pescador e Jude, na outra Simba, Nkunda e Joseph Kiboro, na terceira casa habitavam Ísis e Riek, um território aparentemente neutro, e foi nesta casa que Jude optou por morar a partir do dia em que veio à tona a questão das etnias de Calpe. Como Jude era ainda jovem, não se considerava parte de nenhum grupo, assim como seus amigos da mesma idade. Porém, ainda que não reforçassem a separação das etnias, a própria estrutura social a faria

A escolha de Jude pela casa habitada por Riek e Ísis, por ser um território neutro, chama-nos a atenção, pois, na realidade, os dois habitantes não apenas pertenciam a grupos diferentes, como também rivais. Riek era etíope e Ísis somali e a História nos mostra que houve determinados conflitos entre a Etiópia e a Somália. Mas Riek e Ísis não se deixaram influenciar pelos conflitos do passado, pelo contrário, contribuíram, de modo importante, para que tais fatores fossem abandonados de uma vez por todas, culminado em um futuro pacífico. Um simples abraço entre Ísis e Riek fora visto como “um gesto simbólico que respondia a angústias de séculos, talvez milênios” (PEPETELA, 2008, p. 224).

Desse modo, há uma oscilação entre o “eu” e o “outro”, em que estes serão determinados de acordo com quem assume a fala. Esperava-se que no contexto de *O quase fim do mundo*, a partir das inversões operadas, o outro fosse o branco, porém ainda é o negro, mas a partir do contato com o próprio negro, natural do mesmo espaço, mas que vive em separado devido a questões irrisórias. Importante destacar que Francisco Noa, em “As figuras, os papéis e as vozes”, já observava e alertava sobre as complexidades existentes com relação ao discurso colonial e aos binarismos branco/negro, dominador/dominado, bom/mau,

agente/vítima etc, que muitas vezes perduram no pós-colonialismo. De acordo com o estudioso,

estas dicotomias, que não deixam de ser reais, se circunscritas a um maniqueísmo irreduzível correm o risco de diluir a complexidade ambivalência que caracteriza a própria situação colonial onde, em muitos casos, as diferenças são mais ou tão acentuadas entre os que aparentemente se perfilam na mesma extremidade do que os que se encontram em polos diferentes. (NOA, 2002, p. 309-310)

Além das três casas que, metonimicamente, representam as etnias de Simba, de Geny e o território neutro, tem-se uma quarta moradia, habitada por Janet e Julius, uma população pouco provável, se se tratasse do período colonial. O próprio Julius o sabe, tem consciência e desconfia sempre de sua união com a americana branca: “Já que os americanos encerraram o assunto [sobre as disputas étnicas], talvez pudéssemos mudar para as contradições entre um homem vagamente *masai* e uma mulher branca vagamente imperialista” (PEPETELA, 2008, p. 226), ao que Ísis afirma que, o que ensina a História é que a contradição seriam os mulatos.

Determinado trecho em que se alude aos mulatos, ainda que de modo breve, é muito representativo, no universo diegético, pois possui fortes ligações com os reais motivos do quase fim do mundo, já que, com a união de um negro com uma branca, caso o DNA dela fosse “puro”, os descendentes desta união já não possuiriam tal “pureza” e estariam, segundo os seguidos da Frente Nacionalista Europeia, corrompendo a “pureza das raças”. O quase apocalipse fora pensado, justamente, para acabar com as corrupções e contradições.

A temática acerca dos mulatos também está presente em *O alegre canto da perdiz*, em que Jacinta, filha de Delfina com o branco Soares, era o meio de branquear a raça e de fazer com que nunca faltasse o pão na casa. Segundo Serafina, mãe de Delfina, os filhos mulatos “nunca são presos nem maltratados, são livres, andam à solta [...]. Felizes as mulheres que geram filhos de peles claras porque jamais serão deportados” (CHIZIANE, 2008, p. 97). Porém a jovem se via num entre-lugar, nem negra, nem branca – mulata – um meio de ascensão e de manutenção da família que nos leva a repensar o conceito de espaço intersticial formulado por Homi K. Bhabha (1998). Os conceitos de espaço intersticial e entre-lugar surgiram problematizando a ideia de binarismo ou questionando a perspectiva de oposições binárias, em que destacamos a oposição branco/negro - a lógica que alimenta o racismo. Na obra de Chiziane, há toda uma discussão sobre o surgimento de uma “nova raça” e sobre o que se nomeou, sobretudo no ocidente, de teoria do branqueamento. Segundo a estudiosa

Marli Solange Oliveira, em *A representação dos negros nos livros didáticos de história: mudanças ou permanências após a promulgação da Lei 10.639/03*, através de um concurso de monografias promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

se elegeu o melhor plano para se escrever a História do Brasil, fundamentada na proposta de Von Martius. A miscigenação das três raças (branca, negra e indígena) explicaria a formação da nacionalidade brasileira, porém com destaque ao elemento branco para um progressivo ‘branqueamento’ e um caminho seguro para a civilização. (OLIVEIRA, 2009, p. 38-39)

Tal teoria do branqueamento propagou-se pelo Brasil no século XIX, influenciando os modos como a história brasileira fora produzida neste contexto.

Jacinta, cuja pele marca esse entre-lugar, que pode ser visto, também, como um não-lugar, muitas vezes não se encontra no espaço em que está inserida. Em uma das cenas, quando criança, é rejeitada pelo pai branco, quando este é visto por seus amigos com a filha mulata. Em outro momento, teve o avô negro chicoteado, pois o viram passeando com uma criança “branca”, o que levantava suspeitas de que ele poderia estar a fazer algo ilegal com ela. Toda essa situação gerava na menina mulata muitos questionamentos:

a princípio, Jacinta não sabia que tinha raça. [...] Diante dos pretos chamavam-lhe branca. E não queriam brincar com ela. Afastavam-na, falavam mal da mãe e diziam nomes feios. Diante dos brancos chamavam-lhe preta. Também corriam com ela, falavam mal da mãe e chamavam-lhe nomes feios. Um dilema que crescia na sua cabecinha: afinal de contas qual é o meu lugar? Porque é que tenho que me ficar entre as duas raças? Será que tenho que criar um mundo meu, diferente, marginal, só com indivíduos da minha raça? (CHIZIANE, 2008, p. 246, 247).

De acordo com Francisco Noa, na literatura colonial, a mulher negra era representada como corpo/objeto de desejo, relacionando-se com o homem branco como amante, prostituta ou empregada, mas quase nunca desempenhando o papel de esposa. Já em *O quase fim do mundo*, ao analisarmos a união de Julius e Janet, observamos uma união pouco usual no colonialismo e, portanto, na literatura colonial, qual seja, a união entre um negro e uma branca.

Além de comparar o olhar de Julius ao olhar dos gorilas, animais pesquisados pela americana e que recebiam dela um amor para além do que se dispensa a um objeto de estudo, Janet compara o próprio *masai* ao animal, mas apenas em pensamento, pois embora desejasse chamá-lo de “meu gorila querido”, algo que para ela seria a maior expressão de amor, não o

faz, temerosa da reação de Julius, que poderia tomar tal declaração amorosa como algo carregado de preconceito, principalmente por partir de uma americana branca.

A este respeito, Franz Fanon afirma:

A realidade é que um país colonial é um país racista. [...] Não é possível subjugar homens sem logicamente os inferiorizar de um lado a outro. E o racismo mais não é do que a explicação emocional, afectiva, algumas vezes intelectual, desta inferiorização. [...] Não se pode exigir impunemente que um homem seja contra os ‘preconceitos do seu grupo’. Ora, é preciso voltar a dizê-lo, todo grupo colonialista é racista. (FANON, 2011, p. 281).

Se na formação da sociedade o racismo está inculcado, ainda que haja a independência política, o preconceito persistirá, mesmo que assumindo outras facetas. O trecho destacado de Fanon refere-se ao colonialismo, ao abordar a relação entre racismo e cultura, mas na obra de Pepetela, os personagens que vivem em um futuro distópico também sabem e afirmam que tal relação existe, principalmente a americana Janet: “Estarei a ser racista, a dar mais importância aos bichos que aos homens? Tenho medo de parecer racista, é inerente a um americano liberal” (PEPETELA, 2008, p. 181).

Sobre a formação de um casal improvável, sobretudo com relação à figura de Julius, podemos levantar algumas questões referentes ao corpo do homem negro, já que em *O quase fim do mundo* há importantes inversões. No romance, as mulheres têm em mãos o poder de decisão. Não são mais como objetos, embora fossem vistas com desejo pelos homens, mas ao adquirirem determinados direitos, sobretudo o de escolha, são representadas de modo a abandonarem a posição que ocupavam no colonialismo, principalmente as negras, e passam a ser donas dos próprios corpos. Segundo Franz Fanon, em *Pele negra máscaras brancas*, ao abordar o contexto colonial:

Na verdade, há algo mais ilógico do que uma mulata que se casa com um negro? Pois é preciso compreender, de uma vez por todas, que está se tentando salvar a raça. As pessoas costumam pedir desculpas quando ousam propor um amor negro a uma branca. [...] Historicamente, sabemos que o negro acusado de ter dormido com uma branca era castrado. O negro que possuiu uma branca torna-se tabu para os seus semelhantes. É fácil para o espírito determinar exatamente a natureza desse drama sexual. Por exemplo, nenhum anti-semita pensaria em castrar um judeu. Matam-no ou o esterilizam. O preto é castrado. O pênis, símbolo da virilidade, é aniquilado, isto é, é negado. A diferença entre as duas atitudes é clara. O judeu é atingido na sua personalidade confessional, na sua história, na sua raça, nas relações que mantém com seus ancestrais e seus descendentes. [...] Mas é na corporeidade que se atinge o preto. (FANON, 2008, p. 63, 75, 142).

Neste contexto, é como se o homem negro fosse percebido somente como corpo portador de força bruta, destituído de História e de ancestralidade, assim como a mulher negra era tomada como corpo/objeto de desejo.

A representação da união de um negro com uma branca coloca em evidência um relacionamento que foge aos parâmetros da literatura colonial, mas ainda assim a descrição de Julius como o homem portador de toda uma sexualidade que se difere da presente no homem branco é fortemente marcada. O descendente de *masai* é representado como o homem com pouca instrução, mas forte, com propensão ao trabalho braçal e portador de um forte desejo sexual usufruído pela americana.

Contrariando o que acontecia em período anterior, neste momento de quase extinção da humanidade, algumas das mulheres passaram a ter possibilidade de escolha, conforme apontado por Simba: “Meninas, escolham pares, a humanidade está em perigo, só vocês a podem salvar”. (PEPETELA, 2008, p. 187) e nenhuma delas escolheu o boér sul-africano.

Dizemos que algumas das mulheres passaram a ter possibilidade de escolha porque somente as falantes do kisuahili é que obtiveram tal “poder”. As mulheres que viviam na floresta, que falavam outra língua, portadoras de outros costumes e outras tradições não puderam escolher, ao contrário, uma delas fora escolhida por Jan, ou melhor, fora comprada. Jan trocou a mulher com um sujeito que não possuía nenhum vínculo com ela e em uma espécie de dote/lobolo deu em troca um saco com comida, fósforos, sabão, sal, entre outras coisas.

Interessante observar as reações dos demais sobreviventes – Janet considerou o ato um absurdo, um escândalo e uma violação, Simba Ukolo não teceu objeções e a mais radical das mulheres, a religiosa Geny, abençoou a união, ainda que não tenha sido consensual.

Fato é que as sobreviventes de Calpe exercem suas vontades e se antes a mulher era representada como sendo escolhida, agora são elas que escolhem e se antes a mulher vivia sob interdições, as mesmas não mais existem. Através da narrativa, Pepetela levanta questões relevantes para sociedade, sobretudo com relação ao papel exercido pela mulher.

Ísis viveu na Somália com o pai e as irmãs até seus dez anos. Depois disso, se mudaram para o sul e a justificativa para a mudança, dada pelo pai, fora a instabilidade política do país e as guerras constantes, porém havia outro motivo. Na realidade, se mudaram para que as meninas não passassem pelo ritual de excisão do clitóris:

considerada cerimônia fundamental para uma mulher ser verdadeiramente mulher na terra deles e em muitos outros sítios deste mundo desgraçado e cruel. Toda a gente sabia do rito, o objectivo era fazer com que a mulher tivesse pouco prazer no acto sexual e portanto ser menos tentada a aventuras ante ou extraconjugais. (PEPETELA, 2008, p. 134)

À mulher cabia apenas a função de dar prazer ao homem, gerar filhos e ser submissa. Apesar disso, e mesmo sendo somali, Ísis lutou por tal possibilidade ao prazer e juntamente com Jude e Janet, quando inquiridas por Simba sobre a responsabilidade de procriarem, em *O quase fim do mundo*, dizem não diante dos direitos já alcançados:

Desculpa, Simba, mas não seremos as parideiras do gênero humano. A mulher lutou muito para poder decidir sobre a sua fecundidade. Não vamos agora recuar ao tempo das nossas avós, com nove rebentos cada. Talvez netos nossos ou bisnetos voltem a esses hábitos antigos, mas não os nossos filhos, pois vamos educá-los na cultura da família pequena. Mais tarde não sei, as tradições podem vencer de novo. Mas também não estarás aqui para ver (PEPETELA, 2008, p. 367).

Já em *O alegre canto da perdiz*, Maria das Dores, a filha negra de Delfina, não teve direito de escolha e carregou no nome qual seria o seu destino – dores e sofrimento. Para ela, a cor da pele era um estigma e após ter a virgindade dada como forma de pagamento ao feiticeiro, pela própria mãe, para “prender” o amante branco, após ter sido usada pelo marido, com quem se casara contra a própria vontade, e após gerar filhos, a fuga tornou-se uma saída, fuga esta que, segundo a personagem, lhe causava vergonha por não ter tido força suficiente para suportar um lar e aceitar seu destino – papel da mulher na sociedade representada. A fuga, na narrativa, talvez pudesse ser tomada como ato que rompesse com a estrutura de dominação vigente, porém, neste processo, além de perder os filhos que levava com ela, perdeu-se a si própria, já que, aparentemente, enlouquecera.

Ainda que Maria das Dores fosse filha de José dos Montes, homem que Delfina realmente amou, o fato de ser negra e não poder levar a família a viver aquilo que sua mãe almejava fazia com que Delfina a rejeitasse, o que não acontecia com Jacinta. Porém esta, vendo toda a situação, é que acabara por rejeitar a mãe.

Em *O quase fim do mundo*, sobre os responsáveis por perpetuarem a espécie humana, diante da quase hecatombe, podemos tomá-los como os menos prováveis, uma vez que os doze sobreviventes mostraram-se contraditórios, fragmentados e preconceituosos. Porém, ainda que nos questionemos, assim como o faz Pepetela - “que raio de pessoas são essas para começar uma humanidade”, percebemos que “Estavam a construir uma nova humanidade

com a gente que havia e todos os processos valiam. A anterior humanidade também não deve ter começado melhor, se atendermos à maneira como terminou. Falando de valores morais então...” (PEPETELA, 2008, p. 381). Vale ressaltar que, segundo a tradição cristã, a humanidade teria se iniciado com Adão, Eva e Caim matando seu irmão Abel por inveja.

Como uma obra pós-colonial por excelência, discute-se, em Pepetela, os reflexos da colonização, em um contexto posterior, e quais foram as heranças deixadas pelas nações colonialistas. Vemos em *O quase fim do mundo* como os atores se posicionam diante de tal herança e como passam a viver após a retirada do outro. Vemos que as estruturas de dominação são as mesmas, mas postas em prática através das mãos de diferentes atores, que deixam de estar à margem para se situarem no centro do poder e daí exercerem a dominação sobre os novos “outros”.

Os sobreviventes que se concentraram em Calpe, falantes do kisuahili, portadores de determinados conhecimentos seriam os responsáveis por tal dominação. Já os sobreviventes que viviam nas florestas, falantes de outra língua, com outros costumes passariam a servi-los: “é isso mesmo que vai acontecer, sempre foi assim, uns trabalham, outros mandam.” (PEPETELA, 2008, p. 378), mas desta vez os que mandam não vêm de fora e os que trabalham são seus semelhantes.

Pepetela constrói uma distopia em que a entidade responsável pelo quase fim do mundo, a Frente Nacionalista Europeia, teve seus planos frustrados, tendo acontecido justamente o contrário do que planejara. A humanidade iria continuar, mas seria mantida a partir de personagens negros e mulatos, já que os personagens brancos que sobreviveram, Janet e Jan, se relacionavam com negros.

Pepetela constrói um desfêcho irônico, ao que Simba Ukolo chamou de ironia do destino:

A Europa, que tinha mandado tanto bandido, reconhecido ou não como tal, para colonizar África, ia agora ser povoada, se tudo corresse bem, pelos descendentes de um ladrão africano. Ex-ladrão, ou, melhor dizendo, como o próprio o faria, um ladrão com princípios e escrúpulos. E o filho que estava no ventre de Ísis [somali] provinha de um feiticeiro etíope. [...] Os de fora iam povoar o espaço. Ainda mais, ficava na Europa o primeiro comunista que intuiu um qualquer direito colectivo sobre as riquezas (PEPETELA, 2008, p. 374).

Já *O alegre canto da perdiz* é encerrado, por Paulina Chiziane, de maneira pessimista, uma vez que, com a independência,

a morte e o luto desocuparam a terra, no ar governam os alegres cantos das perdizes, gurué, gurué! A escravatura acabou e não voltará nunca mais! Somos independentes. Vencemos o colonialismo. O palmar também viverá. Vencerá! [porém] trinta anos de independência e as coisas voltam para trás. Os filhos dos assimilados ressurgem violentos e ostentam ao mundo o orgulho da sua casta. O colonialismo já não é estrangeiro, tornou-se negro, mudou de sexo e tornou-se mulher (CHIZIANE, 2008, p. 331, 332).

É o que acontece com Delfina e José dos Montes, já que se assimilaram para obterem determinados direitos e nesse processo assumiram posições contrárias às que ocupavam anteriormente. José tornou-se sipaio, passando a defender do lado dos colonos, lado este que, segundo o próprio personagem, era o lado errado da guerra. Mas para o personagem que não tinha perspectiva nenhuma, “a assimilação era o único caminho para a sobrevivência” (CHIZIANE, 2008, p. 117), mesmo que isso significasse abandonar suas tradições para se tornar um cidadão de segunda classe.

José dos Montes, depois de matar muitos dos seus, ao lado dos portugueses, e de ter a certeza de que não se pode mudar de raça ou de natureza apenas por um juramento e por uma assinatura, encontra na fuga uma saída e para tanto, lança-se ao mar e mais tarde penetra em uma mudez para se fazer esquecer. Com o tempo, ao se encontrar e ao encontrar os outros, eis que surgem muitas respostas e o retorno à lucidez, apontada por Fanon: “O inferiorizado retoma apaixonadamente essa cultura abandonada, rejeitada, desprezada. Há nitidamente uma sobrevalorização que se assemelha psicologicamente ao desejo de se fazer perdoar.” (FANON, 2008, p. 282).

O angolano Pepetela representa, ficcionalmente, a mulher e o negro, de modo a trazer, à boca da cena, determinadas questões e situações que, desde muito, nos são caras. Afirmarmos isso não significa dizer, também, que Pepetela assume voz por tais atores. Antes, tem a crítica como mecanismo empregado como forma de denúncia a partir da literatura. O mesmo acontece com a moçambicana Paulina Chiziane, mas com relação à escritora, as leituras são diversas, uma vez que ela própria é mulher e negra, sendo voz de autoridade quando a questão em pauta diz respeito a assuntos étnico-raciais e de gênero.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi K. Interrogando identidades; Frantz Fanon e a prerrogativa pós-colonial. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- CHIZIANE, Paulina. *O alegre canto da perdiz*. Lisboa: Caminho, 2008.

- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FANON, Frantz. Racismo e cultura. In: SANCHES, Manuela Ribeiro. *Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 2011. p. 273-285.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 11 ed.
- MATA, Inocência. A crítica africana e a teoria pós-colonial: um modismo ou uma exigência? *Revista O Marrare*. Rio de Janeiro, n.8, p. 20-34, jan/jun. 2008.
- NKRUHMAH, Kwame. O neocolonialismo em África. In: SANCHES, Manuela Ribeiro. *Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 2011. p. 287-307.
- NOA, Francisco. As figuras, os papéis e as vozes. *Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária*. Lisboa: Caminho, 2002. p. 291-353.
- OLIVEIRA, Marli Solange. *A representação dos negros nos livros didáticos de história: mudanças ou permanências após a promulgação da Lei 10.639/03*. 2009. 128f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <www.biblioteca.pucminas.br>. Acesso em 21 dez. 2011.
- PEPETELA. *O quase fim do mundo*. Lisboa: Dom Quixote, 2008.

Artigo recebido em fevereiro de 2017.
Artigo aceito em abril de 2017.